

# AS RELAÇÕES DE PODER E A CONSTRUÇÃO DA LOUCURA: UMA ANÁLISE DO LIVRO CANTO DOS MALDITOS DE AUSTREGÉSILO CARRANO BUENO

William Vaz de Oliveira\*  
Cecília de Castro Rocha\*\*  
Mara de Souza Leal\*\*\*

**Resumo:** Este trabalho aborda algumas das diversas unidades microsociais, como a família, a escola e a própria instituição psiquiátrica aonde, por meio das constantes relações de poder, a “loucura” é “fabricada”. Para tanto, parte da análise do relato de um sujeito histórico, em seu lugar comum, que sofreu na pele as marcas de uma política violenta de tratamento da doença mental. Austregésilo Carrano Bueno conta com detalhes a sua experiência no interior de manicômios no Brasil na década de setenta, desde os seus 17 anos, em seu livro *Canto dos Malditos*, que inspirou o filme *Bicho de Sete Cabeças*. Nesse sentido, o objetivo maior desse trabalho é fazer uma reflexão política, filosófica, histórica e cultural acerca da construção social da “loucura”. O método utilizado será de cunho expositivo em que os conceitos de “loucura” e cidadania serão criticamente abordados a partir de uma reflexão minuciosa da obra autobiográfica de Carrano.

**Palavras-chave:** Loucura, Poder e Sociedade.

## INTRODUÇÃO

Seqüelas não acabam com o tempo. Amenizam. Quando passam em minha mente as horas de espera, sinceramente, tenho dó de mim. Nó na garganta, choro estagnado, revolta acompanhada de longo suspiro. Ainda hoje, anos depois, a espera é por demais agonizante. Horas, minutos, segundos são eternidades martirizantes. Não começam hoje, adormeceram, a muito custo... Comigo. Esta espera, oh Deus! É como nunca pagar o pecado original. É ser condenado à morte várias vezes. Quem disse que só se morre uma vez? Sentidos se misturam, batidas cardíacas invadem a audição. Aspirada a respiração não é... é introchada. Os nervos já não tremem... Dão solavancos. A espera está acabando. Ouço barulho de rodinhas. A todo custo, quero entrar na parede. Esconder-me, fazer parte do cimento do quarto. Olhos na abertura da portas rodam a fechadura. Já não sei quem e o que sou. Acuado, tento fuga alucinante. Agarrado,

---

\* Graduando em Psicologia e Mestrando em História Social ambos pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Bolsista de Mestrado pela CAPES (2007-2009) e integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política (NEPHISPO).

\*\* Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

\*\*\* Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

imobilizado... Escuto parte do meu gemido. Quem disse que só se morre uma vez?<sup>1</sup> (Austregésilo Carrano).

No ano de 2000 as salas de praticamente todos os cinemas do Brasil, desde aquelas localizadas nos grandes centros até aquelas situadas nos lugares mais remotas, exibiram um filme que deixou os telespectadores bastante sensibilizados e indignados com a situação caótica e criminosa do sistema psiquiátrico nacional. *Bicho de Sete cabeças* é um filme que evidencia a violência praticada contra os doentes mentais dentro dos hospitais psiquiátricos, além de reivindicar mudanças rápidas no campo da saúde mental, além de escancarar a política de fabricação da loucura e o tratamento do louco através de práticas desumanas e violentas, como o eletrochoque e a aplicação de doses maciças de medicamentos.

O filme conta a história de Neto, um garoto de dezessete anos, em pleno vigor de sua juventude que resolve experimentar as drogas. Certo dia, o pai encontra um cigarro de maconha no bolso de sua jaqueta e, sem saber o que fazer resolve internar o filho num manicômio na tentativa de livrá-lo do vício e retirá-lo do mundo das drogas. No entanto, o tratamento violento sofrido pelo jovem dentro do hospital, desde a submissão a altas voltagens de eletrochoque, além da ingestão de doses maciças de medicamentos lhe trouxe conseqüências desastrosas e grandes seqüelas. O filme por si só já é capaz de causar indignação ao telespectador, mas o que mais impressiona é saber que a história foi baseada em fatos reais vividos por Austregésilo Carrano Bueno. Ele conta com detalhes a sua trajetória dentro de vários hospitais psiquiátricos no Brasil dos anos 70 em seu livro *Canto dos Malditos* que deu origem a filme *Bicho de sete cabeças*. Até os 20 anos, ele foi internado em várias instituições psiquiátricas, sempre tendo todos os seus direitos desrespeitados. Austrý passou dias e dias amarrado à cama ou trancafiado em cubículos escuros e imundos, semelhantes às solitárias das penitenciárias. Ele recebia injeções diárias, aplicadas sem o menor cuidado, o que lhe rendeu feridas, inchaços e infecções.

O livro de Carrano não é simplesmente o relato ou o desabafo de um homem, mas representa a voz de milhares de pessoas que foram vítimas dos horrores praticados dentro dos hospitais psiquiátricos de todo o país. É um grito de justiça e um apelo às autoridades para a necessidade de mudanças rápidas e eficientes no campo da saúde mental. Além disso, mostra

---

<sup>1</sup> **Seqüelas... E... Seqüelas** (Poema das 4 horas de espera para ser eletrocutado... aplicação da eletroconvulsoterapia).

como as relações de poder podem fabricar a loucura. É nesse sentido, pois, que este trabalho pretende mapear e acentuar algumas das diversas unidades microssociais, como a família, a escola e a própria instituição psiquiátrica onde, por meio das relações de poder, a loucura é fabricada. Sob a égide de uma proposta modernista, do avanço tecnológico e do progresso, a ciência assume o seu papel de reduto incontestável e guardião dos saberes, reservando para si o direito de dizer a verdade absoluta sobre as coisas. Atende, dessa forma, a interesses políticos e econômicos bastante claros no universo onde o capital é quem dita as normas.

Desse ponto de vista, colocar em suspensão os valores que são tidos como o princípio da sociedade capitalista "pós-moderna" consiste num verdadeiro crime contra o sistema; e aqueles que o fizerem deverão ser punidos, assim como manda a lei dos mais fortes. Neste sentido, a "loucura" transforma-se num reduto para aqueles cuja sanidade não parece ser a referência. A Psiquiatria nada mais é do que uma forma de política, que gera conceitos e constrói patologias a todo instante. Ela pune e encarcera aqueles indivíduos considerados improdutivos pelo sistema capitalista de nossas sociedades. Como lembra Ronald Laing:

Como estar louco significa exatamente não aceitar uma ordem de funcionamento das coisas, o louco é afastado do convívio dos homens "normais", para que não atrapalhem a sua produtividade. Para que não gerem conflitos indesejáveis ao "sistema". Para que, inclusive, não comece a gerar dúvidas nas cabeças de outros homens, sobre a pretensa racionalidade do mundo.

Além de afastar o louco do convívio social, o sistema procura coagi-lo através do uso de armas que, na maioria das vezes, são completamente desumanas. Afinal de contas, qual o modo de atuação tradicional sobre a loucura? Internamento, drogas, eletrochoques, coma insulínico, lobotomia... Tudo no sentido de "curar" a anomalia, fazendo com que o indivíduo pegue carona no sistema e retorne à "normalidade".<sup>2</sup> Dessa forma, a Psiquiatria Tradicional e involuntária passou a ser vista, pela ótica da Antipsiquiatria, como uma ciência de enfoque profundamente repressivo que deveria ser definitivamente desmistificada. A Antipsiquiatria, por outro lado, procura criar os locais de acolhida para a loucura, seguindo critérios diferentes

---

<sup>2</sup> Para colaborar com esta questão ver: DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *A política da loucura (A Antipsiquiatria)*. Campinas/ São Paulo: Papirus, 1983; FOUCAULT, Michel. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

das concepções científicas. Seu papel é dar voz aos silenciados, deixando o louco se expressar. E expressar a partir de seu próprio quadro de referências, pois é isso que preenche o vazio de sua alma. Roubar a sua referência seria, de certa forma, o mesmo que roubar os seus sonhos. Como mostra Foucault:

A doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal. Daí cada cultura formará da doença uma imagem cujo perfil é delineado pelo conjunto das virtualidades antropológicas que ela negligencia ou reprime [...]. Nossa sociedade não quer reconhecer-se no doente que ela persegue ou que encarcera; no instante mesmo em que ela diagnostica a doença, exclui o doente.<sup>3</sup>

Nesta perspectiva, procurarei situar a minha reflexão em torno das temáticas da contracultura e da Antipsiquiatria no Brasil, num dado contexto histórico, que é o período da ditadura militar. Sem deixar, é claro, de considerar que esta reflexão se dará a partir da articulação entre os pensamentos de diversos autores, nacionais e internacionais, que produziram conhecimentos em torno das temáticas. Assim, será possível pensar como o governo militar incorporou a lógica da punição dos rebeldes aos moldes da violência praticada pela Psiquiatria Tradicional sobre os desajustados. Para tanto, partirei da análise do relato de um sujeito histórico, em seu lugar comum, que sofreu na pele as marcas dessa política selvagem. Austregésilo Carrano Bueno conta com detalhes a sua experiência no interior de manicômios na década de setenta, desde os seus 17 anos, em seu livro *Canto dos malditos*<sup>4</sup>, que inspirou o longa-metragem *Bicho de sete cabeças*, dirigido pela cineasta Lais Bodanzky e estrelado pelo ator Rodrigo Santoro, no seu personagem Neto.

---

<sup>3</sup> FOULCALT, Michel. Loucura e cultura, In: *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 71-74.

<sup>4</sup> CARRANO BUENO, Austregésilo. *Canto dos malditos*. Rocco, Rio de Janeiro, 2001. Este Livro é dedicado aos milhares de vítimas de uma psiquiatria mesquinha e criminosa. Carrano é uma dessas vítimas, e neste livro ele conta a sua história. Em 2001 o livro foi vetado, em virtude do processo que Carrano impetrou contra o Doutor Alô Guimarães, médico psiquiatra, que tratou dele enquanto esteve internado no hospital Bom retiro, voltando a ser reeditado somente em 2004.

## AS RELAÇÕES DE PODER E A FABRICAÇÃO DA LOUCURA

Talvez a característica mais central da liderança autêntica consista na renúncia ao impulso de dominar os outros[...]. No hospital de doenças mentais, os corpos são assiduamente cuidados, mas personalidades individuais são assassinadas.<sup>5</sup>

Nos anos 40, o grande poeta e dramaturgo, Antonin Artaud registrava de forma sofrida a sua experiência vivida nos submundos do sistema psiquiátrico. Sua audácia de enxergar à frente acabou por lhe render os martírios do silêncio e a incompreensão dos fracos. Restarem-lhe as grades dos manicômios onde, por muito tempo, tentaram manter seu espírito calado. Em sua carta enviada aos médicos-chefes dos manicômios, nos anos 40, Artaud denuncia, em alto e bom tom, as mazelas sofridas pelos internos dos hospitais psiquiátricos. Isto se faz muito claro no seu doloroso discurso:

Senhores, as leis e os costumes vos concedem o direito de medir o espírito. Essa jurisdição soberana e temível é exercida com vossa razão. Deixai-nos rir. Credulidade dos povos civilizados, dos sábios, dos governos, adorna a psiquiatria de não sei que luzes sobrenaturais. O processo da vossa profissão recebeu seu veredicto. Não pretendemos discutir aqui o valor da vossa ciência nem a duvidosa experiência das doenças mentais. Mas para cada cem supostas patogenias nas quais se desencadeia a confusão da matéria e do espírito, para cada cem das classificações das quais as mais vagas ainda são as mais aproveitáveis, quantas são as tentativas nobres de chegar ao mundo cerebral onde vivem tantos dos vossos prisioneiros? Quantos, por exemplo, acham que o sonho do demente precece as imagens pelas quais ele é possuído, são algo mais que uma salada de palavras? Não nos surpreendemos com vosso despreparo diante de uma tarefa para a qual só existem uns poucos predestinados [...].<sup>6</sup>

Nise da Silveira, psiquiatra brasileira, que fundou no Brasil, juntamente com o discípulo de Freud, Jung, o Museu do inconsciente, também resgatou os escritos de Artaud com o intuito de fazer com que as pessoas e as autoridades se sensibilizassem com a realidade subumana vivida dentro dos hospitais psiquiátricos. Em o Mundo das imagens, Nise monta

---

<sup>5</sup> COOPER, David. *Psiquiatria e Antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva, 1967, pp. 125-126.

<sup>6</sup> WILLER, Cláudio (Trad.). *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

uma espécie de catálogo cujas obras são fruto da imaginação de doentes mentais tratados pela médica. Seu trabalho representa um verdadeiro papel social, em que o doente mental se faz presente não enquanto um inválido, mas enquanto um sujeito especial, repleto de criatividade e humanidade. Ela condena a violência praticada pela Psiquiatria Tradicional, mostrando que a violência só gera personalidades estranhas e cada vez mais desajustadas. Através do resgate de Artaud, ela procura mostrar que esta violência esvazia o sujeito por completo:

O eletrochoque me desespera, apaga minha memória, entorpece meu pensamento e meu coração, faz de mim um ausente que se sabe ausente e se vê durante semanas em busca de seu ser, como um morto ao lado de um vivo que não é mais ele, que exige sua volta e no qual ele não pode mais entrar. Na última série, fiquei durante os meses de agosto e setembro na impossibilidade absoluta de trabalhar, de pensar e de me sentir ser...<sup>7</sup>

Nos anos 50 era a vez do poeta Allen Ginsberg denunciar a violência praticada contra os poetas de sua geração. Num período em que os Estados Unidos já viviam a realidade das vias expressas calcada na ideologia de uma sociedade tipicamente industrial, varrer os desajustados da orla do urbano era ponto chave na ordem do dia. Muitos foram os perseguidos pela mão oculta do poder e afastados do convívio social. Classificados como inaptos, insanos, loucos, nada lhe restaram além do exílio nas grades e celas de manicômios e prisões.

Em seu célebre poema *Howl*, Ginsberg procura dar voz aos silenciados da história. Este poema, dedicado ao seu amigo Carl Solomon, preso e torturado num manicômio nos Estados Unidos dos anos 50, é um verdadeiro uivo. Um grito de dor e desespero, frente a um sistema de tratamento psiquiátrico que não cura, mas pune o indivíduo, massacrando personalidades. Como lembra o poeta:

I Saw the best minds of my generation destroyed by madness, starving hysterical naked, dragging themselves through the Negro streets at dawn looking for an angry fix, angel headed hipsters burning for the ancient heavenly connection to the starry dynamo in the machinery of night.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Carta escrita por Antonin Artaud ao seu psiquiatra em 1945. Cf: ARTAUD, A. *Oeuvres Completes XI*, Galhimard, Paris, 1974. p.13. Citado por: SILVEIRA, Nise da. *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Ática, 2001, p.12.

<sup>8</sup> “Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus, arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca de uma dose violenta de qualquer coisa, ‘hipsters’ com cabeça

Este poema registra a dolorosa experiência de uma geração que viu sua busca leva-los aos hospícios e às cruéis experiências do choque elétrico e da coma de insulina. Este ímpeto arrasta o poema até o final. Ginsberg escreve numa atmosfera de destruição e negação de valores que dá ao seu poema um agudo sentimento de urgência. Urgência de Justiça social, de respeito ao diferente, aos diversos padrões de referências, de mudanças. Enfim, urgência de uma transformação radical daquela sociedade definida por números e cifras, em nome de uma sociedade mais justa e igualitária, que respeita o indivíduo em sua plena integridade.<sup>9</sup>

Esta denúncia de Ginsberg representou a preocupação de todos aqueles que procuravam, de alguma forma, negar o sistema, através de formas alternativas de pensar o mundo e as coisas; de viver a vida em toda a sua plenitude. Neste sentido, a Contracultura representou o ponto de convergência entre os diversos movimentos de contestação social. Como O Movimento negro, O movimento hippie, o movimento feminista, o Gay Power, e a Antipsiquiatria. Enfim, movimentos incidentes em um único e mesmo princípio: Construir um universo em que a paz e o amor fossem reinantes.

Contestar, esta era a pedra de toque para esta nova geração, que tinha como filosofia a recusa de uma cultura doentia, e a busca do prazer imediato e da felicidade, aqui e agora. Por isso, para milhões de jovens naquela década, a saída vislumbrada foi a busca de um mundo alternativo. Da recusa da cultura dominante e da crítica do *stablishment* ou sistema, nasceram novos significados: um novo modo de pensar, de encarar o mundo, de se relacionar com as outras pessoas. Da recusa surgia, na verdade, uma revolta cultural que contestou a cultura Ocidental em seu âmago: A racionalidade.<sup>10</sup>

Mas para aqueles que pensam que esta busca se deu por vias transparentes e pacíficas, para estes, há que se desfazer os equívocos. Muitos jovens foram perseguidos e viram os seus futuros sendo fechados pelas mãos dos carrascos tecnocratas, enquanto seus sonhos foram

---

de anjo ansiando pelo antigo contato celestial com o dínamo estrelado da maquinaria da noite". GINSBERG, Allen. *Uivo, Kadish e outros poemas*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

<sup>9</sup> Sobre o tema cf: BUENO, André. *O que é Geração Beat*. São Paulo: Brasiliense, 1984. & MACIEL, Luiz Carlos. *A morte Organizada*. São Paulo: Global editora, 1978.

<sup>10</sup> Vários autores discorreram sobre a temática da Contracultura, portanto, a análise de seus escritos pode ser de grande validade para esse trabalho. Cf: ROZSACK, Theodor. *A Contracultura*. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 1972. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 10. ed. 1995. PAES, Maria Helena Simões. *A Década de 60: Rebelião, Contestação e Repressão Política*. 2. ed. São Paulo: Ática. 1993.

reduzidos aos limites da insanidade. É neste contexto que surge a Antipsiquiatria em defesa daqueles que foram vítimas da incompreensão dos mais fortes e dos diagnósticos equivocados.

O filósofo Michel Foucault dedicou grande parte de sua vida ao estudo da história da loucura, contextualizando-a desde seu surgimento até tomar a sua forma atual. Em seu livro *A História da Loucura na Idade Clássica*, ele mostra, claramente, como, ao longo da história, mudou-se a concepção em torno da loucura e do tratamento exercido sobre ela. A partir do seu trabalho, é possível perceber que, ao longo de toda a história, o tratamento psiquiátrico respondeu a interesse políticos e estéticos, em que o feio, contraponto do belo, era a representação simbólica do louco, que deveria ser afastado da esfera pública. Como lembra Foucault:

O Louco tinha que ser vigiado nos seus gestos, rebaixado nas suas pretensões contradito no seu delírio, ridicularizado nos seus erros: A sanção tinha que seguir imediatamente qualquer desvio em relação a uma. Conduta normal. E isto sob a direção do médico que está encarregado mais de um controle ético que de uma internação terapêutica. Ele é, no asilo, o agente das sínteses morais.<sup>11</sup>

Para muitos, Foucault foi quem abriu caminho para o surgimento da Antipsiquiatria. O certo é que o seu surgimento deveu-se à necessidade de mudança do atual tratamento psiquiátrico que estava sendo praticado pelo mundo inteiro. Segundo o psicólogo, João Francisco Duarte Júnior, a criação da Antipsiquiatria decorreu-se de estudos revolucionários sobre o comportamento humano. Nascida no final da década de 40 e desenvolvida na de 50, inicialmente nos Estados Unidos (Gregory Bateson), depois na Europa (David Cooper, Franco Basaglia e Ronald D. Laing), a Antipsiquiatria nega praticamente tudo o que a psiquiatria tradicional diz respeito da doença mental.<sup>12</sup>

Sua ideologia propagou-se por áreas afins, encontrando adeptos nos movimentos de contestação dos anos 60 e 70. Seus conceitos encontraram espaço também no Brasil, cujo contexto histórico se definia pela política autoritária dos militares no poder. O que pode ser explicado pelo fato de que, como mostra Duarte Júnior:

---

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. *Doença mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 82.

<sup>12</sup> Sobre essa questão cf: DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *A Política da loucura (A Antipsiquiatria)*. Campinas/ São Paulo: Papyrus, 1983.



A Antipsiquiatria acredita que a loucura é fabricada por razões e mecanismos políticos e propõe soluções coerentes e possíveis, porém ameaçadoras à ordem estabelecida. Os antipsiquiatras sabem que a existência do que se convencionou chamar de “loucura” é utilizado pelos sistemas autoritários como forma de perseguir seus heréticos e contestadores.<sup>13</sup>

Desse ponto de vista, pretendo mostrar o quanto as idéias dos antipsiquiatras têm a dizer sobre a realidade brasileira dos anos 70, e como esse ideais foram incorporados pela nossa cultura. A experiência vivida pelo jovem Carrano Bueno seria uma experiência isolada, ou se assemelharia às experiências vividas por Artaud e Solomon, bem como outros milhares de pessoas? Em sociedades autoritárias, não há limites para o exercício do poder. E nesses regimes, as instituições são a continuação da ideologia do Estado. Qual a relação existente entre a ditadura militar e as transformações do poder nas instituições? A grande sacada da Antipsiquiatria foi ter percebido que as relações de poder são travadas a todos os instantes e em todos os lugares, sendo daí que decorrem as neuroses individuais. Os indivíduos são sujeitos sociais transformados constantemente pelo meio em que vivem e, nesta perspectiva, é da relação com outros indivíduos que constrói sua própria referência. Em lugares onde há laços de afetividade, as relações mais fortes e determinantes. Segundo David Cooper:

A Família nuclear burguesa... é o principal mecanismo de mediação usado pela classe dominante capitalista para condicionar o indivíduo, através da socialização primária, a integrar-se em algum complexo de papéis que convenha ao sistema (assim, a família é causadora de um conflito entre a realidade ativa de um indivíduo e a passividade condicionada do seu complexo de referências).<sup>14</sup>

Até que ponto a família de Austregésilo Carrano Bueno agiu de forma autônoma ao internar o filho em um hospital psiquiátrico? Foi por vontade própria ou com a ajuda de terceiros? Qual a relação existente entre pais e filho nessa conjuntura, havia diálogo, Carrano era violento? Fumar maconha, naquele contexto era errado porque os pais tinham essa consciência, ou porque reproduziam o discurso e compartilhavam da ideologia do governo? Austrý tinha condições de se responsabilizar por si mesmo, ou a verdade sobre si deveria ser

---

<sup>13</sup> Idem. Ibidem.

<sup>14</sup> COOPER, David. *Psiquiatria e Antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva, 1967.

dita pelos outros? Essas são perguntas que pretendo responder ou, simplesmente, compreender a partir desse trabalho.

*Eletrochoque*, coma insulínico, *lobotomia*. Diante do processo de tratamento dos doentes mentais, outras perguntas teimam em surgir, diante de tais depoimentos: Estes tratamentos são realmente eficientes, ajudam os indivíduos a recuperarem a sanidade e retornar, sem grandes problemas, ao convívio social? A violência praticada contra o paciente seria realmente necessária, ou não seria uma forma de calar sua voz dissidente?

Haveria formas alternativas de tratar esses doentes mentais, que não pela força e a violência? As vozes desses sujeitos históricos que experimentaram a realidade dos manicômios, não explicitam satisfação e nem gratidão, mas revolta e sofrimento. As respostas a tais perguntas podem não ser claras e imediatas, mas os depoimentos desses vencidos da História têm muito a nos dizer sobre a violência praticada pela psiquiatria, e o caráter político no processo de construção da loucura.

E uma pena que testemunhos pessoais sobre o processo de tratamento psiquiátrico, nesse período, não apareçam com frequência. Como mostra Luiz Carlos Maciel, em um texto publicado no jornal *O Pasquim*, em janeiro de 1970:

É chato para qualquer um confessar que já adotou meio louco ou foi tratado como tal. A moralidade vigente estabelece, de maneira mais ou menos definitiva, que quem foi internado num hospício, perdeu para sempre o título de humano. E os que escaparam às garras da doença tentam recupera-lo através do silêncio.<sup>15</sup>

Mais uma vez, aqui, a desumanidade dos preconceitos evita que se lance luz sobre alguns dos aspectos mais significantes da existência humana. Em assunto tão proibido, poucos tiveram a coragem de dar seu testemunho. Um deles foi Austregésilo Carrano Bueno. Carrano fala de tudo isso em seu livro *Canto dos Malditos*, um documento de indiscutível importância humana que analisa as relações entre o louco e a sociedade que o encarcerou, não do ponto de vista psiquiátrico, mas do ponto de vista do doente. Ele pode ser descrito pelo paralelo válido com a relação entre o combatente vencido e o seu vencedor.

---

<sup>15</sup> MACIEL, Luiz Carlos. Muito louco bicho (I). In: *O Pasquim*, número 32, p. 8, Rio de Janeiro, 29-1-1970.

Eis porque se faz necessário o resgate da obra de Carrano, onde o soldado derrotado é encerrado numa cela, sob a guarda permanente de enfermeiros vigilantes, submetido a injeções, choques elétricos, disciplina férrea, camisas-de-força, banhos mornos, comprimidos e desprezo. É preciso evidenciar a história a partir de seus cacos. Assim como nos ensina Walter Benjamin, é preciso dar voz aos vencidos, e recupera-los em meio às ruínas. Eles também ajudaram, e continuam ajudando, a escrever a história.

É preciso analisar cuidadosamente o depoimento de Carrano, onde a política da loucura assuma a sua mais verdadeira forma. Em que as relações de poder, presentes nas instituições sociais, podem ser pensadas enquanto forjadoras de linguagens e discursos e, enquanto, constituintes de conceitos e patologias. O Livro de Austrý tem muito a nos dizer sobre um período peculiar da nossa História, o período da ditadura militar no Brasil, bem como a experiência vivida por uma geração que viu os seus sonhos sendo destruídos pela intolerância de outrem. É também capaz de nos abrir espaço para pensarmos em formas alternativas de tratamento dos nossos doentes mentais, bem como, as denúncias e reivindicações do Movimento de Luta Antimanicomial no Brasil, e o enfoque social no tratamento psiquiátrico. Como lembra Artaud:

Os loucos são as vítimas individuais por excelência da ditadura social: em nome dessa individualidade intrínseca ao homem, exigimos que sejam soltos esses encarcerados da sensibilidade, pois não está ao alcance das leis prender todos os homens que pensam e que agem.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> WILLER, Cláudio (Trad.). Escritos de *Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. *Metáforas da desordem: O contexto social da doença mental*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BASAGLIA, Franco. *A Psiquiatria Alternativa contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática; conferência no Brasil*. São Paulo: Brasil Debates, 1982.
- BUENO, André. *O que é Geração Beat*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COOPER, David. *La Muerte de la Familia*. Buenos Aires: Paidós, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Psiquiatria e Antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- DELEUZE, G. & GATTARI, F. *Mil Platós: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 7. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- \_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas*. 5. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- \_\_\_\_\_. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. 5. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GINSBERG, Allen. *Uivo; Kaddish e outros Poemas*. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- HOLLANDA, H. B. *Impressões de Viagem: CPC, Vanguarda e Desbunde (1960-1970)*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e Participação nos anos 60*. 1. ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LAING, Ronald David. *A Política da Experiência e a Ave do Paraíso*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A Política da Família e Outros Ensaios*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Laços*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- \_\_\_\_\_. *O Eu Dividido: Estudo Existencial da Sanidade e da Loucura*. 3. ed., Petrópolis: Vozes, 1978.
- PAES, M. H. S. *A Década de 60: Rebeldia, Contestação e Repressão Política*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1993.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PEREIRA, João Freyze. *O que é Loucura*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- SILVEIRA, Nise da. *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Ática, 1992.
- SZASZ, Thomas Stephen. *A Fabricação da Loucura: Um Estudo Comparativo entre a Inquisição e o Movimento de Saúde Mental*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Ideologia da Doença Mental: Ensaio sobre a Desumanização Psiquiátrica do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- \_\_\_\_\_. *O Mito da Doença Mental*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- UCHOA, P. M. *Organização da Psiquiatria no Brasil*. São Paulo: Sarvier, 1981.